

**V ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES
CAMPINAS, 15 A 17 DE OUTUBRO DE 2007**

Tema: Retorno, circularidade e rede dos movimentos migratórios

Autor: Samira Adel Osman- Mestre e Doutora em História Social pela USP, pesquisadora do NEHO-USP (Núcleo de Estudos em História Oral da USP), professora do Centro Universitário SENAC.

sa.osman@uol.com.br; samira.aosman@sp.senac.br

**O RETORNO NA COMUNIDADE LÍBANO-BRASILEIRA:
EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS E HISTÓRIA ORAL DE VIDA**

INTRODUÇÃO

A imigração libanesa para o Brasil pode ser identificada por suas peculiaridades, primeiramente no que se refere às suas características diferenciadoras em relação a outros grupos migratórios. Os libaneses dirigiram-se ao Brasil espontaneamente (sem acordos governamentais bilaterais que os guiassem), não se estabeleceram nas áreas rurais e tampouco se dedicaram à agricultura, embora essa tenha sido a atividade original na terra nativa. Desde o início, os núcleos urbanos de São Paulo e do Rio de Janeiro foram os mais procurados e sua participação econômica esteve ligada ao comércio, atividade identificadora desse imigrante, sendo o mascate o símbolo representativo dessa inserção.

Outra importante característica desse processo também pode ser verificada: **a questão do retorno**. Se nenhuma imigração é igual à outra, embora ela assim pareça em relação aos motivos que a engendraram, cabe aqui dizer que a imigração árabe caracterizou-se desde a sua concepção como um ato provisório, e a intenção do retorno como condição para a concretização desse ato.

A migração desse grupo apresentou-se como uma etapa transitória visando ao acúmulo de capital no Brasil e ao retorno ao país de origem para aplicar os recursos obtidos na melhoria das condições de vida da família. No entanto, as dificuldades apresentadas a esses imigrantes logo de início levaram à conclusão de que a imigração apontava para um caminho de mão

única, enquanto o retorno passava de projeto inicial para uma remota possibilidade. O retorno possível, o restabelecimento na terra natal, a reorganização familiar se traduziram como sonhos quase impossíveis de ser alcançados à medida que a permanência no novo país se transformava de provisória para definitiva.

Embora o projeto de retorno imediato, devido às dificuldades encontradas, tivesse sido adiado por um longo período, o objetivo inicial permaneceu latente e nas primeiras oportunidades esses retornos ocorreram. O que podemos verificar é que a imigração levou a um enraizamento desses membros e seus descendentes no novo país, sem que ocorresse, ainda assim uma ruptura total com o cordão que os unia ao país de origem, levando a alguns membros da comunidade a realizar o sonho impossível, concretizando o retorno.

O objetivo desse artigo é verificar e analisar a concretização do retorno empreendido por imigrantes libaneses e seus filhos e ainda apenas pelos filhos de imigrantes ao país de origem, destacando os dilemas e conflitos decorrentes desse ato.

Para tanto analiso as narrativas da história oral de vida de membros da comunidade líbano-brasileira (re)estabelecida no Líbano, com a efetivação do processo de retorno, nos diferentes grupos pesquisados, por meio da história oral de vida: imigrantes libaneses de primeira geração (Rede I); mulheres descendentes de segunda geração, casadas com libaneses, na faixa etária entre os trinta e os cinquenta anos de idade (Rede II); jovens descendentes de segunda e terceira gerações, filhos de pais libaneses e mães filhas de libaneses ou brasileiras, na faixa etária variando entre os sete e os vinte anos de idade na ida ao Líbano (Rede III); e ainda brasileiras não-descendentes, casadas com imigrantes libaneses (Rede IV)¹.

1. RETORNO: UM CAMPO A SER EXPLORADO

Os estudos sobre o tema do retorno são unânimes em afirmar que há uma dificuldade evidente em se definir o complexo processo em que se

¹ Essas entrevistas são parte da pesquisa de doutorado realizada no Líbano, entre dezembro de 2003 e fevereiro de 2004, e serviram de base para a elaboração da tese. OSMAN, Samira Adel. *Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e história oral de vida*. FFLCH-USP, 2006, 2 vols.

constitui a migração de retorno, no entanto e apesar disso, é uma tarefa que se faz urgente e necessária. Como processo multifacetado e heterogêneo em que se constitui o retorno, os estudos sobre o tema não podem mais ser negligenciados, fazendo-se necessária a compreensão da magnitude e dinâmica da migração de retorno aos países de origem, nos diferentes cenários nos quais ocorre.

Inicialmente é necessário apontar que a questão do retorno tem se constituído num objeto recente de estudo, não porque o fenômeno seja em si um fato recente, mas sim porque o retorno ou migração de retorno tem sido a face mais complexa e obscura do processo migratório.

Essa obscuridade pode ser explicada se considerarmos que o tema da migração em si careceu de um maior interesse por parte das ciências humanas de um modo geral, como se fosse um fato evidente que dispensasse maiores atenções. Embora a imigração tenha se constituído em um fenômeno bastante significativo na história mundial dos últimos dois séculos no Brasil especificamente, os trabalhos sobre o tema são raros e a migração tardou em constituir-se num campo específico de estudo histórico.

Não houve também uma preocupação maior com a questão do retorno, sobre o qual pouca ou nenhuma referência foi feita, basicamente pelo fato de não se reconhecer essa fase como uma importante etapa do processo migratório. Os estudos relacionados à imigração limitavam-se a analisar o fenômeno como um processo de mão única, que começava na pátria de origem e terminava no país de destino. Portanto, o retorno contrapunha-se ao próprio conceito de migração.

A questão do retorno, fenômeno compreendido como a outra face de uma mesma moeda denominada imigração, insere-se na concepção de uma “antropologia total do ato de emigrar e imigrar”, ou da imigração como uma “fato social completo”². Sayad, neste sentido, afirma que:

... a idéia do retorno está intrinsecamente circunscrita à denominação e à idéia mesma da emigração e da imigração. Não existe imigração em um lugar sem que tenha havido emigração a partir de um outro lugar; não existe presença em qualquer lugar que não tenha a contrapartida de uma ausência alhures.³

² Ou “fato social total”. SAYAD, Abdelmalek *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. SP: Edusp, 1998, p. 16.

³ *Idem*. “O retorno: elemento constitutivo da condição de imigrante”. *Travessia: Revista do Migrante*, Publicação do CEM, ano XIII, nº especial, jan/2000, p.11.

A concepção de ser emigrante/imigrante traz em si a idéia subjacente de um retorno, o que implica considerar que o emigrante não é só aquele que parte de um país para outro, mas aquele que se mantém ligado ao país de origem, como se de lá nunca tivesse partido. O retorno é o elo entre esses dois momentos (o ir e o voltar) e entre esses dois espaços (o aqui e o lá).

O retorno é um pressuposto natural da migração, pois aquele que parte, parte para um dia retornar, não importando por quanto tempo se prolongue essa ausência e quando de fato se efetive essa volta. A idéia do retorno como mito está presente no imaginário ou na retórica tanto dos que partiram quanto dos que ficaram como uma forma de expiar a culpa pela partida. Já que o migrante parte, por que não compreender que ele retorne depois de haver cumprido sua tarefa, missão, objetivo?

Apesar da importância que os estudos sobre o retorno possam ter para a compreensão do processo migratório como um todo, ainda assim esse tema tem sido negligenciado ou desconsiderado, identificando-se que existem poucas obras que tratem adequadamente esse aspecto, embora as pesquisas empíricas tenham proliferado⁴. Pode-se afirmar que a migração de retorno constitui-se num dos últimos aspectos de pesquisa do fenômeno multidimensional da migração, tanto na perspectiva histórica como na de outras ciências sociais⁵.

⁴ Nesse aspecto vale ressaltar que os trabalhos sobre o tema do retorno têm se dividido nessa interpretação. Ammassari e Black, assim como Reyes, apontam que enquanto os estudos empíricos sobre a migração de retorno têm se acumulado, teorias e modelos para estudar a migração de retorno e suas implicações ainda estão em falta. Já Nuñez Seixas aponta que embora a produção bibliográfica existente sobre o tema ainda não seja tão extensa, ao menos ela tem permitido delinear uma série de linhas de interpretação e possibilidades metodológicas. Sobre esta questão ver: AMMASSARI, S. e BLACK, Richard. "The study of return and transnational migration: methodological issues". In: *Harnessing the Potential of Migration and Return to Promote Development*. IOM, International Organization for Migration, 2001; REYES, Belinda. *Dynamics of Immigration: Return Migration to Western México*. San Francisco: Policy Institute of California, 1997; NUÑEZ-SEIXAS, Xosé-Manoel. "Visible and Invisible Remittances: some notes on transatlantic return migration and its effects on Iberian societies." In: *Review of Polish Diaspora*, 2005, vol: 31, nº 1 (115), pp. 117-142.

⁵ Virtanen aponta que as pesquisas européias sobre migração prestaram pouca atenção à temática da migração de retorno não apenas pela falta de reconhecimento sobre a relevância desse tipo de estudo, mas principalmente pela falta de dados e outros tipos de documentos que tenham registrado esse movimento. De fato, há que se considerar questões referentes às nacionalidades, naturalizações e dupla nacionalidade nas gerações implicadas no retorno. VIRTANEN, Keijo. "Finnish Migrants (1860-1930) in the overseas return migration movement." In: HOERDER, Dirk (edited by). *The European and North American Working Classes during the Period of Industrialization*. Westport, Connecticut, 1985, pp 381-398.

Sayad afirma que a questão do retorno pode se constituir num verdadeiro objeto de estudo, pois:

...representa uma das dimensões essenciais dessa antropologia, à medida que se pressupõem necessariamente vários modos de relações: uma relação com o tempo, o tempo de ontem e o tempo do futuro, a representação de um e a projeção do outro, sendo estreitamente dependentes do domínio que se tem do tempo presente, isto é, do tempo cotidiano da imigração presente; uma relação com a terra, em todas suas formas e seus valores (a terra natal)...; uma relação com o grupo, aquele que se deixou fisicamente, mas que se continua a carregar de uma maneira ou de outra, e aquele no qual se entrou e no qual é preciso se impor, aprender a conhecer e a dominar.⁶

De acordo com King, após 1960 surgiram os primeiros trabalhos preocupados com esse tema, destacando-se o trabalho pioneiro de Theodore Saloutos sobre o retorno de um grupo de imigrantes gregos dos Estados Unidos e o de Usem e Usem sobre o retorno de indianos, provenientes de diferentes destinos no Ocidente, ao seu país⁷. A partir desses trabalhos, cresceu o interesse sobre essa questão, surgindo estudos relacionados ao retorno de imigrantes dos Estados Unidos para Itália, Porto Rico e México; da Austrália para a Grã-Bretanha e Canadá; da Grã-Bretanha para a Índia⁸.

Ainda segundo King, a dificuldade está em se definir exatamente o que se entende por migração de retorno ou simplesmente retorno. Embora o conceito aparentemente transpareça uma noção bem definida em termos de espaço, questiona-se qual é esse local de origem e de retorno, quem retorna, quantos retornam, por que retornam, como ocorre esse retorno, e sob quais condições e implicações. O fenômeno da migração de retorno é particularmente crucial porque ilumina a relação entre identidade (quem eu sou) e lugar (onde eu estou), passíveis de diversas interpretações.

A concepção do retorno vem, muitas vezes, marcada por uma idéia simplista envolvendo o binômio origem-destino, numa espacialidade de opostos (entre o “aqui”, país de emigração, e o “lá”, país de destino) e numa simples

⁶ SAYAD, Abdelmalek. “O retorno: elemento constitutivo da condição de imigrante”... *op. cit.*, p. 12.

⁷ Para Ammassari e Black esse interesse teria surgido por volta de 1970, em decorrência da crise econômica de 1973. AMMASSARI, S. e BLACK, Richard, *op. cit.* King e Cassarino apontam que nos anos 1980 o interesse sobre esse tema cresceu ainda mais. No entanto, sob outra perspectiva: interesse sobre a questão do “co-desenvolvimento” e “repatriação voluntária em países de Terceiro Mundo”, criação de iniciativas públicas governamentais e acordos bilaterais para favorecer o retorno e a reinserção do imigrante em seu país de origem, como decorrência do aumento do sentimento xenófobo em relação ao grupo estrangeiro e ainda em relação à ligação entre migração internacional e desenvolvimento econômico no país de origem. KING, Russel (edited by). *Return Migration and Regional Economic Problems*. London: Croom Helm, 1986.

⁸ KING, Russel (edited by). *Idem*.

inversão de polaridade do fluxo imigratório, de uma direção para outra. Com certeza a idéia do retorno pressupõe esses espaços definidos (o aqui e o lá), mas não é simplesmente uma inversão de posição (de origem-destino para destino-origem) no sentido convencional de compreensão do fenômeno imigratório.

A partir dessa perspectiva, o retorno implica relações mais amplas, envolvendo o país de origem/país de destino/país de origem, além de um simples “ir-e-vir”, demonstrando uma complexificação do ato de imigrar/retornar, que não se traduz apenas na idéia de voltar ao ponto de partida, embora também possa ser assim compreendido, mas também um movimento constante e contínuo envolvendo os dois pontos origem-destino, ou ainda um terceiro local, em movimentos sucessivos, descontínuos, circulares, numa noção de movimento que não se interrompe abruptamente.

Muitas vezes a realidade no país de destino não corresponde ao que se imaginava encontrar no momento da partida, assim essa estadia, projetada como breve, prolonga-se por décadas ou por toda a vida. Mesmo assim, o retorno permanece presente nos discursos dos emigrantes, como se falar do retorno fosse uma forma de compensar a ausência na terra da origem. Esta questão tem sido abordada como o mito do retorno.

2. O RETORNO COMO MITO: A NOSTALGIA DO LUGAR

A possibilidade do retorno está presente para todo e qualquer migrante, como parte inerente ao próprio ato de emigrar. Encara-se a partida, a emigração, como um ato natural, mas o não retorno à terra natal como traição. O retorno como possibilidade, e mais ainda como obrigação, faz com que o migrante sinta-se ligado à sua terra natal, aos seus familiares, parentes e conterrâneos e que viva, portanto, a experiência da imigração e da ausência como uma carga intensa de dramaticidade expressa nas idéias da obrigação, da culpa, da deserção transmutadas nos sentimentos de saudade, de nostalgia e da ilusão do retorno.

A idéia do retorno, como parte inerente ao processo migratório, compõe a pesada carga imposta sobre os ombros dos migrantes. Como projeto coletivo, familiar, e não individual, o migrante carrega consigo o retorno como obrigação, missão, ponto de ligação umbilical com sua terra natal, ao mesmo

tempo em que deve lidar tanto com as dificuldades encontradas no país de destino quanto com a sedução que essa nova sociedade exerce sobre ele.

O migrante vive dividido entre esses dois mundos e entre os dois compromissos: vencer e retornar, reassumindo seu compromisso com os membros da sua comunidade, e por isto com o passado deixado para trás, ou vencer e permanecer e, com isso, optar por uma aposta num futuro tão desconhecido quanto promissor. Permanecer na imigração e não retornar implica voltar-se contra o processo social que o engendrou como migrante, significa entrar em choque com todos os valores que deram suporte a essa experiência em terras estranhas. Assim o emigrante/imigrante, numa crise de valores conjunturais e referenciais, defronta-se com a experiência da anomia, como afirma Sayad.

O mito do retorno sustenta-se na idéia de que a migração é um ato provisório e o retorno propriamente é tido como fato garantido, ainda que esse fato nunca se concretize. Portanto, o retorno existe tanto no seu sentido real e concreto daqueles que efetivam essa empreitada, como daqueles que nunca concretizam esse ato, embora continuem afirmando esse desejo, na mais pura concepção de que o retorno também pode se constituir num mito.

É necessário situar a temática do retorno do ponto de vista do que Sayad definiu como o “pecado da ausência”, ou como “relação de culpa” que o emigrante carrega consigo ao partir de seu lugar de origem, de abandonar sua família, aldeia ou comunidade. A imigração é vista como o pecado (para Sayad, o “pecado original que é a própria imigração”), que se faz eternizar quanto mais se prolonga esta ausência, enquanto o retorno, idealizado ou concretizado, é visto como seu oposto: a redenção, a expiação da culpa, a volta à “rocha de origem”, o reencontro com um passado que não se quer esquecer. Sendo o retorno uma tentativa de volta à normalidade, torna-se importante, então, justificar esse movimento, mesmo que seja negando a própria imigração, que se fez prolongar por demasiado⁹.

Então se a migração é vista como falha, culpa, deserção, anomia, heresia, o retorno é, nas palavras de Sayad, como “um retorno à norma, à

⁹ SAYAD, Abdelmalek. *A imigração...* *Op.cit.*, pp. 71-72.

normalidade, à ortodoxia; o seu contrário (a emigração/imigração) não sendo senão anomia, heterodoxia, e até heresia...”¹⁰

Primeiro há que se recuperar o projeto de emigração subjacente ao ato de emigrar. Considerando que aquele que parte não parte só, no sentido de que a emigração é um projeto coletivo, familiar, envolvendo decisões do grupo como um todo e não apenas como indivíduo, além de todas as redes sociais implicadas tanto no país de emigração quanto no país de imigração, é preciso então verificar qual é a dimensão que o retorno tem no ato de emigrar.

O retorno ao Líbano foi indicado como parte inerente a esse projeto, no sentido de que a partida foi vista como um ato provisório, ainda que a permanência no país de destino tenha durado mais do que o planejado e o retorno tenha sido adiado sucessivamente:

“Depois de trinta anos vivendo no Brasil, eu resolvi que seria o momento de voltar para o Líbano. Eu sempre tive essa idéia na cabeça, desde que fui para o Brasil, de um dia voltar a viver aqui. Todo ano, todo ano, eu falava que ia, esse ano vou, e não ia, porque não dava certo. Então deixava para outro ano, até que esse ano finalmente chegou. Demorou, mas chegou.”

Ali Moussa El Kaderi (Rede I- 1ª Geração)

Ao mesmo tempo, criou-se uma nostalgia romântica em relação ao país de origem, demonstrando que a partida nunca significou ruptura definitiva, pois a ele de alguma forma continuou-se vinculado, seja por visitas periódicas, pelo investimento em bens imóveis, pela manutenção dos laços familiares, ou mais ainda, por um sentimento tão diáfano quanto o que vem carregado na palavra saudade, da família, da terra, do lugar. Monteiro afirma: “a terra natal (que é lembrada em termos de aldeia ou região de origem) torna-se uma utopia.”¹¹

O retorno à terra natal também foi revestido de um sentimento nostálgico (estar na própria pátria: “aqui é a minha terra, por que não iria me acostumar?”, **Jamil, Rede I**), idílico (a pátria é o melhor lugar para se viver: “todo mundo que mora aqui gosta dessa terra. Aqui todo mundo vive feliz...”, **Abdul Majid, Rede I**) e idealizado, pois apesar da duração da ausência, o sentimento é de que nada mudou (“achei tudo gostoso quando voltei para cá, não senti diferença nenhuma, tudo estava a mesma coisa de quando a gente foi”, **Amin, Rede I**).

¹⁰ *Idem.* p. 32.

¹¹ MONTEIRO, Paulo Filipe. *Emigração: o eterno mito do retorno*. Oeiras: Celta, 1994, p. 32.

Para Sayad, esse sentimento nostálgico em relação à terra de origem se transfigura em :

...efeitos de encantamento, e mais ainda, efeitos de sacralização e santificação: o país, o solo natal, a casa dos antepassados, e mais simplesmente a casa natal, cada um desses lugares privilegiados de nostalgia... tornam-se lugares sacralizados, lugares benditos, terras santas... tornados santos pela nostalgia.¹²

Mais ainda do que obrigação ou utopia, a ligação com a terra natal é vista como um chamado, como algo impregnado na mente e na alma, e ainda que se queira adiar esse processo, que se queira ensurdecer a ele, que se tente negá-lo, o retorno torna-se inexorável:

"Na verdade, eu já estava com planos de voltar para cá mas ficava sempre indeciso, pensava em vir e depois desistia. Eu acho assim: qualquer pessoa que sai do país em que nasceu sempre pensa em voltar, sempre, não tem jeito. O lugar onde você nasceu, onde você foi criado, tem sua família, seus amigos, seus contatos, fica marcado para sempre em sua vida, então não importa quanto tempo demore, fica aquele desejo de um dia voltar para as suas origens, para a sua terra, para o seu lugar.

Todo mundo que está fora pensa isso, até os brasileiros que vêm para cá pensam em voltar um dia para o seu país."

Mohamad Mustapha Abou Arab (Rede I- 1ª Geração)

Outro aspecto apontado como motivo para o retorno ao Líbano, que se relaciona ao projeto migratório libanês, foi a importância da família para esse grupo migratório¹³. Neste caso a família é tanto a que se deixou na emigração (pais, irmãos, tios, sobrinhos) quanto aquela que se construiu na imigração (esposa e filhos), uma e outra com um enorme peso e influência na decisão do retorno.

Jímenez e Rodríguez consideram que a família aparece como elemento fundamental de referência na tomada de decisão pelo retorno, dimensionando os vínculos mantidos com o lugar de origem. Segundo esses autores, os emigrantes nunca se desvincularam, sentimental ou fisicamente, do lugar de origem, estando a ele vinculados por contatos freqüentes, breves retornos,

¹² SAYAD, Abdelmalek. "O retorno..." *op. cit.*, p. 12.

¹³ Hajjar aponta que a família árabe pode ser dividida em três tipos: **Família Conjugal**, formada pelo casal e seus filhos; **Família Grande**, composta por três gerações, na qual o membro mais velho é reverenciado como patriarca. Essas famílias agregam tanto os patriarcas e filhos solteiros, como os filhos casados e sua família conjugal, vivendo numa mesma casa e partilhando da mesma propriedade; **Parentela**, que reúne as famílias grandes que se consideram descendentes de um antepassado comum, ocupando uma mesma aldeia ou parte de uma cidade. O casamento entre seus membros reforça o laço familiar. HAJJAR, Claude Fahd. *Imigração Árabe: cem anos de reflexão*. SP: Ícone, 1985, pp. 42-43.

investimentos em propriedades, envio dos filhos para conhecer o país e a família¹⁴.

O grupo doméstico no lugar de origem continuou presente até na ausência da emigração, a autoridade paterna se impôs mesmo a distância, ou na fase adulta ou na formação da família conjugal. O retorno implicou assumir responsabilidades familiares, cuidar de pais idosos ou adoentados, ou ainda colaborar na criação de irmãos menores. Emigrou-se com a permissão do grupo familiar e se retornou a ele quando se foi cobrado:

“E ainda por cima o meu pai ficava chamando para que eu voltasse. Ele não aceitava que eu morasse em outro lugar... Então eu acabei voltando porque meu pai queria que eu voltasse... Eu aceitei e voltei para cá.”

Abdul Ali Kadri (Rede I- 1ª Geração)

Atender ao chamado da família é uma forma de aliviar o sentimento de culpa tanto pela partida quanto pela ausência, já por demais e desnecessariamente prolongada. “Culpabilidade, culpabilização e culpa; acusação e auto-acusação... isso faz parte e é indissociavelmente constitutivo da condição do emigrante e da condição do imigrante”¹⁵:

“...Eu queria voltar há muito tempo, eu senti muito a minha ausência daqui quando meu pai morreu e eu não estava para acompanhar esse último momento, isso é muito duro. Então quando meu irmão veio, parece que despertou alguma coisa adormecida em mim e eu resolvi que era a hora de vir.”

Mohamad Abou Arab (Rede I- 1ª Geração)

3. O RETORNO COMO ILUSÃO E DESILUSÃO

Outro mito do qual se nutre o retorno é a concepção de que aquele que volta, volta o mesmo, como se o período transcorrido entre a partida e o retorno tivesse sido cristalizado e tudo tivesse permanecido em suspenso durante o período que durou o processo migratório. Ao retornar, o migrante depara-se com essa dura realidade: nada permaneceu como ele havia deixado, nada mais é o mesmo, nem aqueles que ficaram são os mesmos, nem os que partiram retornaram da mesma maneira que foram. A experiência da

¹⁴EGEA JÍMENEZ, Carmen e RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ, Vicente. “Tipos de Retorno de los Emigrantes Jubilados. El caso de los emigrantes de la Provincia de Jaen”. *Análisis del VII Congreso Asociación de Demografía Histórica (ADEH)*. Granada: Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Granada, 1 a 3 de abril de 2004.

¹⁵SAYAD, Abdelmalek. *A imigração...* *op. cit.*, p 110.

separação, vivida como abandono e deserção, permaneceu latente nesse reencontro.

Mudaram os hábitos, as formas de vida, as relações sociais, as atitudes cotidianas, as formas de se expressar, a linguagem, pois “nem o idioma soará como o mesmo: mudaram a forma coloquial, os subentendidos montados sobre as palavras de significados implícitos, de imagens em comum, de pretéritos compartilhados...”¹⁶

Entre o grupo dos imigrantes de primeira geração que retornaram ao Líbano (Rede I- Libaneses), foi possível perceber duas posições: a primeira é em relação àqueles que apontaram que a readaptação ao Líbano não foi uma dificuldade, e a segunda é daqueles que apontaram todas as dificuldades e implicações do retorno do ponto de vista de quase considerá-lo como uma nova migração.

Muitas vezes a readaptação foi apontada como qualidade pessoal (“eu acostumei fácil a viver aqui novamente”, **Amin, Rede I**; “não é difícil acostumar a viver aqui”, **Abdo Latif, Rede I**); apenas uma questão de tempo (“um mês, dois meses, três meses você não se acostuma, claro, precisa de um ano para se acostumar de verdade...”, **Amin, Rede I**); e ainda facilitada tanto pela presença de pessoas já conhecidas (“os meus primos, os meus amigos, as pessoas com quem eu convivia estavam ainda aqui”, **Chebib, Rede I**) como por voltar ao mesmo lugar:

“Para mim, sempre foi fácil tanto viver aqui quanto no Brasil. Eu me acostumo em qualquer lugar, não tenho esse problema. Para mim sempre foi a mesma coisa estar lá ou estar aqui, sabe por quê? Porque eu vou e volto para os mesmos lugares, onde estão as mesmas pessoas, onde as coisas ficaram como eu deixei. Eu acho que não modificou nada, nem lá, nem aqui, nem na ida, nem na volta. É tudo igual, isso que é bom.

E também a família está perto, tem casa, tem trabalho, tem tudo, então dá para viver tranquilo, não falta nada, graças a Deus.”

Fadel Mohamad Aboo Jokh (Rede I- 1ª Geração)

Para aqueles que consideraram que o retorno não significou nenhuma dificuldade, os argumentos utilizados para explicar esse fenômeno apontaram inicialmente o fato de se ter vivido pouco tempo fora do Líbano (em torno de cinco a seis anos). A curta duração do período de imigração foi vista como uma

¹⁶ GRINBERG, Leon e GRINBERG, Rebeca. *Psicoanálisis de la Migración y del Exilio*. Madrid: Alianza Editorial, 1984, p. 222.

vantagem, pois ao se ter estado fora poucos anos, a sensação foi de que “não foi muito tempo para sentir tantas mudanças” (Chebib, Rede I).

A questão do tempo de duração da imigração é um dos pontos cruciais. Para outros colaboradores, contrariamente, essa percepção de ter vivido muito tempo fora do seu país marcou uma distância evidente entre aqueles que foram e voltaram e aqueles que nunca saíram de seu país. O tempo vivido no Brasil assinalou a passagem para a vida adulta (responsabilidades, formação da família, construção de um patrimônio) e foi, invariavelmente, visto como o momento em que “a vida era boa”. Também o tempo para se adaptar à nova realidade foi visto como muito extenso, e às vezes também foi um tempo que pareceu nunca chegar, pois se demoraram “anos para se acostumar”, “cada dia se arrastando como um mês”:

“Eu me senti muito mal aqui, no começo. Não sei, quando você fica fora um tempo, e depois volta, é duro para se acostumar de novo, aceitar essa situação. Eu sofri muito no começo, parecia que estava numa terra estranha e não em meu próprio país.”

Tony Toufic Kassouf (Rede I- 1ª Geração)

Para Tuan, a afeição pelo lugar também se dá em função do tempo, traduzida na frase do senso comum: “leva tempo para se conhecer um lugar”, mas:

...“sentir” um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar... Conhecer um lugar... certamente leva tempo.¹⁷

Contudo foi em relação às diferenças existentes entre as duas culturas (do Brasil e do Líbano) que outros argumentos para a readaptação foram construídos. A questão ressaltada foi a dicotomia entre violência e tranquilidade existentes entre um e outro lado e, neste caso, o país de origem esteve à frente:

“Eu me senti muito bem voltando para cá, me acostumei logo a viver aqui, aqui é um sossego, ninguém mexe com ninguém, você vai tocando sua vida sem preocupação. Agora no Brasil não, é assalto a todo instante, é violência, dá muito medo...”

Abdul Majid Kadri (Rede I- 1ª Geração)

¹⁷ TUAN, Yi Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. SP: Difel, 1983, p. 203.

Assim como houve aqueles que apontaram as vantagens do retorno e as facilidades para a adaptação, para outros a realidade e a constatação do retorno foram bem diferentes, mas os argumentos para uma situação e outra foram basicamente os mesmos, pois

...o retorno é para o próprio imigrante, mas também para o seu grupo, um retorno a si, um retorno ao tempo anterior à emigração, uma retrospectiva; portanto, uma temática da memória que não é somente uma temática da nostalgia no sentido primeiro do termo, a algia do *nostos* (a dor do retorno, a saudade da terra), um mal cujo remédio se chama o retorno (*hostos*). A nostalgia não é o mal do retorno, pois, uma vez realizado descobre-se que ele não é a solução: não existe verdadeiramente retorno ao idêntico...¹⁸

Também para Todorov a experiência do exilado (exilado entendido como aquele que está fora de sua pátria, quaisquer que sejam os motivos), após certo período de ausência, pode ser traduzida como estar em “visita à própria casa”, reencontrando aquele que havia vivido e que esteve por algum tempo esquecido, ignorado¹⁹. Os efeitos dessa ausência se fazem sentir quanto maior for sua duração e quanto maior for a dimensão da ruptura envolvida nessa ausência.

O retorno esteve ligado ao recomeço, a abandonar uma vida estabelecida e estável por outra difícil e insegura (“lá a vida era boa, os filhos estavam estudando, trabalhando, a gente estava vivendo muito melhor”, **Dbi, Rede I**), estabelecer a família, a casa, arranjar trabalho, da estaca zero, do mesmo modo quando se chega a outro país (“quando eu voltei foi como chegar de novo a outro país... Acostumar, estabelecer a família, arranjar trabalho...”, **Jamil, Rede I**) para enfrentar uma realidade que quando avaliada foi mal avaliada e se conclui que “não teve um dia que se viveu bem” (**Dbi, Rede I**).

Dessa forma, o retorno não é uma experiência de continuidade, no sentido em que se retoma o fio de uma meada anteriormente abandonada, bastando segurá-la e reatá-la ao que foi rompido. Não há continuidade porque não existe o retorno ao idêntico, a ruptura foi estabelecida com a partida e a volta não pode ser simplesmente uma retomada daquilo que se deixou para trás. É necessário então não retomar de onde parou, mas recomeçar de um ponto inicial, com ou sem recursos econômicos, com esposa e filhos, na família

¹⁸ SAYAD, Abdelmalek. “O retorno...” *op. cit.*, p. 12.

¹⁹ TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. RJ: Record, 1999.

grande e na parentela, na mesma vila, no mesmo lugar mas, no que se torna a grande dificuldade, em outro tempo.

Voltar ao mesmo lugar de origem, retomar contato com as mesmas pessoas (parentes, amigos, conterrâneos), inserir-se na terra natal, nada disso foi visto como uma vantagem. Pelo contrário, apenas reforçaram as situações de distanciamento, estranhamento, diferenças, e a constatação de que a readaptação não foi nem uma realidade nem uma facilidade:

“Eu acho que para mim foi mais difícil me readaptar aqui no Líbano quando eu voltei, do que quando eu fui para o Brasil. Aqui é a minha terra, o lugar onde eu nasci, a minha família está toda aqui, mas não sei, não sei, não gostava daqui. Para mim cada dia vivendo aqui se arrastava como um mês, não tive um dia de tranqüilidade, de paz, como tinha no Brasil.”

Jamil Moussa Yachouh (Rede I- 1ª Geração)

A perspectiva apontada por Sayad em relação a esse estranhamento é traduzida como *elghorba*, o exílio, mas também no sentido de sentir-se estrangeiro, distante, aquele que esteve fora, e retornou depois de um período a seu lugar de origem, como se tudo houvesse ficado em suspenso:

Só se deixa o grupo para melhor reencontrá-lo; e, se possível, no mesmo estado, “tal como a eternidade o congelou”, fixou-o de uma vez por todas. Reencontrá-lo como se nada tivesse acontecido, como se nada tivesse mudado durante a ausência –é a ilusão da qual se alimenta a nostalgia– e, sobretudo, como se ter partido por tanto tempo não houvesse mudado em nada o emigrante que retorna, no fundo, não para reencontrar, como imagina, as coisas como as tinha deixado, mas para se reencontrar a si mesmo, tal como era (ou acreditava ser) quando partiu: é desta outra ilusão que freqüentemente participa a decepção engendrada pelo retorno...²⁰

Essa dificuldade foi vista pelos colaboradores como derivada do fato de ter estado fora da terra de origem, ter convivido com outras pessoas, ter conhecido e entrado em contato com outra cultura, com outro modo de vida, de modo que as influências recebidas no país de imigração não puderam ser apagadas no retorno. Readaptar-se no retorno à própria terra foi interpretado como uma dificuldade maior até que se adaptar a um país estranho (“tive mais dificuldade em me acostumar na minha própria terra do que em me acostumar lá no Brasil”, **Tony, Rede I**), embora não se soubesse identificar os motivos dessas diferenças (“o jeito do povo libanês”, “a vida muito diferente”).

O retorno tem sido acompanhado dessa maior ilusão: o reencontro com o tempo anterior à partida, do grupo e de si mesmo da forma como se deixou,

²⁰ SAYAD, Abdelmalek. “O retorno...” *op. cit.*, p. 12.

como se nada tivesse se modificado, como se tudo tivesse ficado em suspenso durante o tempo que durou o processo migratório. Sobretudo, acreditou-se que o retorno iria possibilitar o reencontro consigo mesmo, como era ou se acreditava ser antes da emigração. Esse retorno significou tanto a concretização da nostalgia, com também pode significar a decepção pela impossibilidade dessa ilusão.

É o preço que se paga pela ausência da emigração, pois como afirma Sayad:

...não se habita impunemente outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, de uma outra economia, em um outro mundo, em suma, sem que algo permaneça desta presença, sem que se sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades do contato, os domínios, as experiências e as sensibilidades individuais, por vezes, mesmo não se dando conta delas, e, outras vezes, estando plenamente consciente dos efeitos.²¹

A constatação para os que retornaram é que algo se modificou, no entanto não se reconhece que essa modificação ocorreu antes consigo próprio. Não apenas mudaram os que ficaram, mas, sobretudo, aqueles que foram e voltaram estiveram sujeitos a maiores mudanças, uma vez que entrando em contato com outro modo de vida, com outra cultura, e “tendo que viver na terra dos outros, entre eles e com eles, só se pode viver, mais ou menos aberta e profundamente, um pouco à sua maneira.”²²

Pretendeu-se compreender esse retorno ainda, tanto para o migrante quanto para o seu grupo, como um retorno a si mesmo, a um tempo anterior à própria emigração, uma tentativa de retornar a um tempo passado, de se reintegrar ao tempo e ao espaço deixados para trás no momento da emigração e, sobretudo, de se reintegrar ao grupo que se deixou.

Voltar para o mesmo lugar não significou voltar para o mesmo tempo no tempo anterior à partida. Se, como afirma Sayad, o espaço é passível de ser percorrido sucessivamente, em tempos diferentes, num contínuo ir-e-vir, o mesmo não se pode constatar em relação ao tempo: o tempo é irreversível, pois não há como retornar ao tempo que passou. Da mesma forma, ao retornar não é mais possível encontrar o mesmo modo de vida, as mesmas pessoas e nem a si mesmo, como se imaginou que se deixou.

²¹ *Idem*, p. 14.

²² *Idem*, p. 19.

A mudança decorrente desse processo se fez sentir no retorno e na tentativa de se reintegrar ao seu país e ao seu grupo e, mais ainda, de se reconciliar consigo mesmo, com o que se deixou para trás. Mas a constatação foi bem diferente e a conclusão foi decorrente dessa avaliação: dificuldade, estranhamento, sofrimento, expressos em afirmações como “sentir-se mal”, “não se acostumar”, “achar tudo estranho”, denotando a não-aceitação da nova realidade. Apesar disso, como o retorno é, em muitos casos, irreversível, aceitar e readaptar-se à nova situação é a única possibilidade:

“Até parece estranho falar isso, mas quando eu vim para cá, parecia que eu tinha nascido de novo... Quando eu cheguei aqui, parecia que não conhecia ninguém, nem sobrinho, nem parente, nem nada... Eu juro por Deus, entrava num casamento, por exemplo, achava todo mundo estranho e parecia que eu era de outro mundo, sentava e olhava para o povo, um povo diferente para mim, e não reconhecia ninguém, nem nada... Nada, nada... Nada era igual à época que eu deixei...”

Foi difícil então para eu me acostumar a viver aqui de novo... Nossa Senhora! Nos primeiros anos fiquei com a cabeça confusa, sem saber onde estava e o que estava fazendo aqui. Eu queria voltar, mas não dava, não tinha mais jeito nem dinheiro para voltar novamente e começar tudo de novo... Então fui me acostumando a viver aqui ... Acostumei, tem que acostumar, né?

...Quando você percebe, o tempo passou e você já não estranha mais as coisas, vai se adaptando, até tudo ficar normal de novo...”

Ali Moussa El Kaderi (Rede I- 1ª Geração)

O retorno à terra natal foi idealizado num sentimento nostálgico, idílico, quase romântico, no entanto, sua concretização se revestiu de desilusão, decepção, de não-identificação com o lugar (a pátria, a terra natal idealizada), com as pessoas e com a imagem preservada de si mesmo. O projeto de retorno concretizou-se, mas é uma experiência melancólica:

A terra natal transforma-se em terra estranha, por uma dialética sutil do espaço e do tempo: Ulisses reencontrará, pois, sua Ítaca lá mesmo onde a havia deixado; mas o Ulisses de outrora, aquele que deixou sua ilha, ele não encontrará mais. Ulisses é agora um outro Ulisses, que reencontra outra Penélope. E Ítaca é também uma outra ilha, no mesmo lugar, mas não na mesma data. A viagem no espaço é uma viagem no tempo, e o ponto de chegada, o ponto fixo ansiado, não existe, deixando-nos à deriva... O deslocamento no espaço produz a ilusão da mudança, mas é no tempo que tudo muda.²³

Aquele que retorna, volta com a ilusão de que encontrará tudo como havia deixado e poderá, por meio da efetivação do retorno, recuperar tudo aquilo que foi abandonado no momento da partida e durante o período de

²³ MATTOS, Olgária. “A Melancolia de Ulisses: a dialética do Iluminismo e o canto das sereias”. In: CARDOSO, Sérgio (*et alli*). *Os sentidos da paixão*. SP: Cia das Letras, 1987, pp. 154-155.

ausência. Mas a realidade se descortina de uma forma diferente do que imagina, do que sonhou, do que alentou encontrar por tanto tempo. A dura comprovação de que mudanças ocorreram levará o migrante a sofrer mais uma dura experiência de anomia: não ser parte daqui nem de lá, não pertencer a nenhum dos dois mundos, a se questionar, inclusive, sobre a própria identidade.

Esse estranhamento, essa ferida do retorno que custa a cicatrizar, levará o migrante a se contrapor ao mito de que se volta ao mesmo ponto de partida do mesmo jeito que era antes de partir. Constatar esse fato, renegar essa crença, romper com o sonho e a ilusão para encarar a dura realidade será o enfrentamento que o migrante terá como tarefa.

Na experiência do retorno, o migrante e seus descendentes não constatarão que se trata na realidade de uma nova migração, tão difícil e elaborável quanto a primeira que a engendrou?

4. OS MOTIVOS DO RETORNO: QUESTÃO DAS GERAÇÕES

Para tratar do tema do retorno, é necessário também compreender como os colaboradores desta pesquisa construíram suas narrações, como elaboraram os motivos do retorno, como justificaram sua partida e como se defrontaram com essa nova realidade.

A elaboração e a compreensão do fenômeno do retorno por aqueles que o empreenderam devem ser analisadas antes de tudo, em seus aspectos subjetivos, como um fato ambíguo, contraditório, paradoxal, polifônico, conflituoso. As várias vozes envolvidas se enfrentaram, se complementaram ou se contradisseram na tentativa de justificar e avaliar essa experiência, em especial quando a tomada de decisão para o retorno não tenha sido consensual ou não tenha havido uma consulta prévia ao grupo como um todo. Foi o caso dos filhos jovens sujeitos às decisões dos pais ou de esposas aquiescendo em relação às decisões dos maridos.

Na verificação dos motivos que engendraram o retorno é possível identificar duas características fundamentais para a compreensão desse processo. A primeira é que em cada geração foram apresentados motivos específicos para o retorno, que se complementaram ou se contradisseram num mesmo grupo familiar. A segunda característica refere-se a uma gradação

desses motivos: partiu-se dos aspectos objetivos para se chegar aos subjetivos, começando pelos econômicos e pelo problema da violência no Brasil e chegando às questões referentes aos projetos familiares, subjacentes a todo processo migratório, que destaco nessa análise.

Dustmann defende que os filhos são um dos principais fatores, senão o principal, para os planos de retorno empreendido pelos pais à terra natal, sendo este o ambiente avaliado como o mais apropriado para a criação deles. O autor ainda aponta que há uma diferença de gênero na opção do retorno: quando o retorno envolve filhas, o que está em questão é a preservação das tradições e dos valores culturais, e quando envolve filhos a preocupação centra-se na carreira ou futuro econômico. Tais diferenças são ainda mais acentuadas quanto maior for o peso da tradição na cultura do imigrante, o que leva Dustmann a afirmar que, neste caso, as filhas é que mais influenciam o retorno dos pais²⁴.

Para a primeira geração, com família formada na imigração, os filhos (sem distinção de sexo explicitamente, mas sim implicitamente) foram um fator fundamental na decisão do retorno. “Voltar porque se pensa na família”, “porque se quer o melhor para ela”, “porque quem tem família quer o melhor para ela”, “porque aqui é o melhor lugar para cuidar dela”, “porque o Líbano é o lugar mais sossegado para criar os filhos”, foram algumas das afirmações que revelaram o grau de influência exercido pelos filhos no retorno empreendido.

Há que se diferenciar nessa justificativa também uma gradação de motivos. Pensa-se na família e nos filhos tanto do ponto de vista da qualidade de vida, “sossego”, “paz”, “segurança”, “liberdade”, quanto da criação, aqui entendida como manutenção dos costumes e da tradição.

Assim temos:

“Essa minha idéia de vir morar aqui foi por causa dos meus filhos, porque quem tem família quer o que for melhor para ela. E eu acho que o Líbano é melhor para a família, porque aqui é sossegado, aqui tem paz, tem tranquilidade, não tem ladrão, não tem malandragem, não tem drogas, não tem perigo de assalto, estupro, violência... Nada, nada, nada... A sua mulher sai, os seus filhos saem, voltam tarde, e você não fica com medo, não fica preocupado que alguma coisa

²⁴ DUSTMANN, Christian. “Children and Return Migration.” In: *Journal of Populations Economics*. 2003. O autor considera ainda que poucos são os estudos que tenham levado em consideração a importância das gerações nas decisões de migração e de retorno.

ruim vai acontecer. É bom por isso. Aqui não tem dinheiro, não tem luxo, mas tem paz.”

Ali Moussa El Kaderi (Rede I- 1ª Geração)

De outra forma a questão da família e dos filhos tem assumido outra dimensão, resumida na expressão “criação”. A criação dos filhos é aqui apresentada em uma dimensão global, do respeito à autoridade paterna à manutenção da estrutura cultural, do ponto de vista das práticas religiosas, da manutenção da língua, dos costumes e tradições e, sobretudo, do ponto de vista da realização dos casamentos. Viver na emigração é viver em contradição, é assumir o sentimento de “*elghorba*”, de crise de identidade, do drama da preservação dos valores culturais próprios em outra cultura. Retornar é suspender, provisória ou definitivamente, essa condição, é voltar a ser aquilo que se deixou para trás.

Ainda que o casamento na comunidade seja um importante fator na preservação dos costumes, e em si já é parte desse costume o casamento endogâmico, vale observar que não se assumiu explicitamente esse motivo como causa do retorno, sobretudo no grupo muçulmano:

“Os meninos gostaram porque aqui (no Líbano) eu dei mais liberdade, eles aprenderam a caçar, a fazer muitas coisas que eles não faziam lá. Eles adoram aqui! A minha filha também adora, ela casou, foi para o Brasil, e voltou para cá, porque hoje é ela quem pensa nos filhos.”

Ali Moussa El Kaderi (Rede I- 1ª Geração)

Para os meninos, a liberdade, a possibilidade de fazer muitas coisas; para as meninas, o casamento, os filhos e a preservação e reprodução dos mesmos valores. Mas foi no grupo cristão, paradoxalmente, que a questão do casamento foi claramente apresentada, não como uma restrição religiosa em si, mas sim como um costume cultural árabe que ultrapassou essa fronteira:

“Não sei, eu ainda tinha uma cabeça meio dura, mentalidade do Líbano de não querer que minhas filhas se casassem com brasileiro. Não é por nada, mas brasileiro se casa e depois de dois, três anos, larga tudo: a mulher, os filhos, a família toda. Eu tenho a cabeça meio grossa mesmo, atrasada, de antigamente, então nunca iria aceitar que as meninas se casassem com um brasileiro, entendeu?”

Jamil Moussa Yachouh (Rede I- 1ª Geração)

A manutenção desses valores, tão caros aos imigrantes, só pode ser alcançada no próprio país, o Líbano, porque existe a proximidade com a

família, avós, tios, primos, o que faz então de todos que convivem juntos um grupo coeso. Como afirmou um colaborador: *“Aqui todo mundo é igual.”* (Abdul Majid, Rede I).

Como considerar a motivação da segunda geração da Rede II, formada por mulheres casadas, mães e esposas, ao retorno para o Líbano? Assim como as mulheres descendentes casadas com imigrantes árabes se submeteram à vontade de retorno proposta pelos maridos, essa realidade também esteve presente para as mulheres brasileiras não-descendentes, mas com outras nuances.

Um ponto em comum reside no fato de serem conhecedoras dessa vontade dos maridos, de preexistir um projeto de retorno concomitante ao processo migratório e anterior mesmo ao casamento. Então temos a mesma afirmação: **“meu marido resolveu vir embora”**, **“meu marido começou a falar que queria voltar para o Líbano,”**, **“meu marido sempre alimentou a idéia de que um dia iria viver novamente na terra dele”**, **“o meu marido sempre teve esse desejo de vir para cá”**.

Não se pode dizer que foi algo planejado conjuntamente, decidido e discutido por todas as partes envolvidas, pois o desejo, a intenção, a idéia de retorno esteve elaborado anteriormente ao casamento e à constituição da família. Daí algumas colaboradoras terem afirmado que *“não foi uma surpresa para mim”* (Emni, Rede II); *“eu sempre soube que mais dia, menos dia ele iria voltar”* (Widad, Rede II); *“no fundo eu sabia que a gente ia voltar”* e *“não tinha como escapar”* (Soraia, Rede II), o que não diminui o choque e a surpresa, uma vez tomada a decisão: *“o mundo caiu na minha cabeça”* (Neide, Rede IV), *“essa notícia foi um choque para mim”* (Penha, Rede IV).

De certa maneira, os motivos para justificar esse retorno não diferiram das apontadas pelos maridos, no entanto numa gradação inversa: da necessidade de preservação da cultura (língua, religião, costumes, casamento), apontada como o primeiro motivo, à fuga da violência no Brasil, vista como motivo importante mas secundário em relação ao primeiro. Uma colaboradora explicitou:

“A família é o ponto-chave, e é por causa dos filhos que a gente toma certas decisões na vida, e no nosso caso foi mudar do Brasil para o Líbano. Todas as famílias árabes que eu conheço têm a mesma preocupação de criar os filhos na

nossa cultura, por isso, quem pode vem parar aqui. Se você pegar Sultan e Loussi, de ponta a ponta, todos vieram pelos mesmos motivos...

(...)

O primeiro motivo de as pessoas virem para cá é para ensinar a cultura árabe e a religião para os filhos, e em segundo lugar, é fugir da violência..."

Jamile Orra Saleh (Rede II- 2ª Geração)

Esse retorno ao Líbano foi apontado como a melhor solução tanto para as questões da violência quanto, e principalmente, para as questões de ordem cultural envolvendo a criação dos filhos, presente da primeira para a segunda geração, e da segunda para a terceira geração. Daí as afirmações:

"Os meus pais tinham essa preocupação conosco e eu tenho com os meus filhos, então não mudou nada de uma geração para outra."

Jamile Orra Saleh (Rede II- 2ª Geração)

"Desde que a gente era solteiro, ele já tinha me avisado que um dia pretendia voltar para a terra dele, para criar os filhos como muçulmanos... Ele nunca falou isso muito claro, mas o coração dele estava pensando tudo isso, sempre pensou..."

... Deus quis que eu viesse para cá criar meus filhos como islâmicos... Eu vim, né? Fiz minha parte."

Expedita Ferreira (Rede IV- Brasileiras não-descendentes)

O mal da migração é a ruptura com a tradição, é a quebra do projeto familiar de preservação dos valores culturais, é o envolvimento com membros fora da comunidade, é a não preservação da identidade cultural. Viver na migração significa viver entre fronteiras, pois nem bem se vive numa cultura nem na outra, não se vive plenamente as experiências comuns e cotidianas, é viver sempre em falta com um lado ou com o outro:

"Meus filhos estavam na faixa etária entre os dez e os quinze anos, estudavam, na escola não me davam trabalho nenhum, apenas coisa normal da idade, mas o pai tinha aquele medo de continuar no Brasil. Esse medo é o mesmo de toda a comunidade árabe islâmica que não vive em sua própria terra, que é a questão do casamento, todos fazem questão que isso só ocorra entre os próprios membros e nunca com alguém de fora, sabe como é? O medo dele era principalmente de a nossa filha se envolver com alguém que não fosse da mesma origem que a nossa. O mais importante para os árabes é mesmo essa coisa da raça, da religião, dos costumes, de mantê-los a qualquer custo."

(...)

Quando o meu marido começou a insistir na idéia de vir aqui para o Líbano, eu comecei a achar que seria uma boa oportunidade para os meus filhos terem uma vida igual aos outros, não serem vistos como diferentes, terem mais liberdade, sei lá, levar uma vida normal..."

Widad Ismail Mohamad El Kaderi (Rede II- 2ª Geração)

Este é o mal da imigração, o risco que se corre por não estar entre os “iguais”, mas a cura para todos esses males é o retorno. Retornou-se para estar entre os iguais, para facilitar a adaptação, para melhor aprender e preservar os padrões e valores culturais, para evitar o choque da diferença e a castração da liberdade, para não fraquejar, tropeçar ou falhar diante do projeto original. Estar fora da terra de origem significou romper com a cultura original ou não vivê-la plenamente; voltar para a terra de origem significou reatar os fios que foram rompidos.

Como afirmou uma colaboradora:

“A nossa intenção era que as crianças aprendessem a língua árabe e principalmente a religião muçulmana porque, você sabe, lá no Brasil a gente fraqueja um pouco, né? A gente vem para cá para não perder as raízes, é importante manter as raízes, porque se eu tivesse ficado no Brasil isso iria se perder uma hora ou outra. Por exemplo, eu e meu marido somos filhos de árabes, os meus filhos já são netos, e os filhos deles o que vão ser? Então as raízes vão desaparecendo, vão se perdendo essas referências, que são muito importantes preservar. Acho que isso é uma coisa muito bonita do povo árabe em querer manter a origem, preservar isso para os filhos e netos.”

Fátima Zeitoun Smaide (Rede II- 2ª Geração)

Se a primeira geração assumiu para si a decisão do retorno, se as esposas descendentes ou não aceitaram o projeto, para os jovens de segunda e terceira gerações essa decisão esteve acima do seu desejo, opinião ou vontade. Grinberg e Grinberg afirmam que o jovem, adolescente ou criança, “não tem poder de decisão e é ‘obrigado’ a emigrar, apesar de sua oposição”²⁵. Não opinar, desconhecer os planos de retorno, se opor mas não ser ouvido, e ainda achar que decide algo que já foi previamente acertado revelam que embora o projeto do retorno seja coletivo na medida em que envolve todo o grupo familiar (salvo os já casados, que permanecem no Brasil), a decisão efetiva pelo retorno (quando, para onde e por que) não contemplou todos os envolvidos.

As falas mais freqüentes foram as do tipo: “**(meus pais)** resolveram tomar uma decisão”, “**meu pai** decidiu”, “foi **meu pai** quem decidiu”, “**meus pais** decidiram vir para o Líbano”, “o **meu pai** decidiu vir para cá com toda a família”; “**meus pais** resolveram mudar para cá”, “**meu pai** decidiu nos trazer

²⁵ GRINBERG, Leon e GRINBERG, Rebeca. *Psicoanálisis de la Migración...op.cit.* p. 79.

para o Líbano”, “foi **ele** (meu pai) que veio com a idéia de nos mudarmos para o Líbano”.

Essa decisão é sempre um choque para a segunda e terceira gerações. Não participar desses planos, não ser ouvido ou nem ao menos ser comunicado previamente sobre a mudança exacerbam ainda mais a experiência do retorno, provocando da resistência à total impossibilidade de reação.

Como expressou uma colaboradora:

“Quando meus pais nos deram essa notícia, eu chorei pra caramba, não aceitava essa mudança, dos meus irmãos eu era a que mais resistia. Mas, fazer o quê? Tive que vir para cá gostando ou não gostando, porque para os meus pais não importava a nossa opinião, eles achavam que estavam fazendo o melhor para a gente, e o melhor era vir para o Líbano.”

Noá Mohamad Abou Jokh (Rede III- 2ª Geração)

O choque da notícia e a falta de conhecimento dos projetos familiares também estiveram sempre em destaque. Para um jovem:

“Nós ficamos sabendo dessa mudança de uma hora para outra. Eu estava indo para a escola, como um dia comum, e o meu pai disse que eu não precisava ir mais porque em três dias estaríamos viajando para o Líbano. 'Líbano? O que a gente vai fazer no Líbano?' Era a única coisa que eu conseguia perguntar. Eu não conseguia entender o porquê dessa mudança, não conseguia entender como seria mudar para um lugar que eu nem imaginava como era.

Para mim essa viagem tão repentina foi uma surpresa, porque eu não sabia de nada do que meus pais planejavam, isso foi um choque (...) De um dia para outro estávamos com as malas prontas, mudando de país e de vida...”

Salmen Ali Moussa El Kaderi (Rede III- 3ª Geração)

Embora os filhos tenham sido a parte mais afetada nesse processo de mudança, não foram chamados a opinar, não foram comunicados previamente, não tiveram escolha e apenas tiveram que encenar a cena de um enredo previamente definido.

O primeiro aspecto verificado foi que tantos fatores objetivos quanto subjetivos foram assinalados como motivo para o retorno, mas é muito mais evidente o peso que a questão subjetiva teve para esse grupo. Se a primeira geração encobriu, omitiu ou secundarizou esse importante fator, para a segunda e terceira gerações não houve como não evidenciar e apontar esse fato como o detonador do processo de retorno.

O que realmente marcou a narração dessas segunda e terceira gerações refere-se às questões ligadas à preservação dos padrões culturais

dos pais, sobretudo no aspecto referente ao casamento ou ao impedimento de relações com pessoas de fora da comunidade. O Líbano foi interpretado como um local e uma forma de manutenção desse projeto familiar, que implicou a concretização de casamentos endogâmicos, dentro da comunidade religiosa, da aldeia e da família no local de origem.

Essa preocupação é válida para os descendentes do sexo masculino e do sexo feminino, no grupo muçulmano e no cristão, embora mais evidente em relação às mulheres. Ou se foi para o Líbano como forma de impedir a concretização da ruptura dos projetos de casamento, quando relacionamentos fora da comunidade já se evidenciaram, ou para impedir que nem sequer eles acontecessem.

Sayad afirma que:

...os pais para sancionar aqueles (comportamentos) de seus filhos que consideram “desviados”, falam em mandá-los à Argélia (principalmente as filhas, esperando casá-las lá), acreditando que assim os estariam subtraindo –aliás, sempre tarde demais– àquilo que consideram como a primeira causa de todos os males, “a influência maléfica que a vida na França exerce sobre seus filhos”²⁶.

Para uma colaboradora:

“Meu pai não queria que eu viesse para cá, mas essa idéia coincidiu com um momento da minha vida em que tive certo envolvimento com um brasileiro, coisa e tal, então a viagem calhou para me afastar um pouco daquela situação, para evitar maiores problemas... Viemos eu e minha mãe, ficamos uns seis ou sete meses, e ficou aquela história martelando na cabeça dos meus pais: se ela voltar para o Brasil vai casar com brasileiro, e isso, numa família árabe tem que ser evitado a todo custo, sabe como é...
Então a viagem, que eu pensei que fosse aproveitar muito, acabou me encurralando, e eu fui empurrada e incentivada a me relacionar com alguém daqui...”

Soraia Sami El Kadri (Rede II- 2ª Geração)

A questão da preferência pelo casamento na família ou na comunidade nem sempre foi abertamente explicitada pelos pais, mas é algo subentendido para os filhos, que viram nele o real motivo para o retorno ao Líbano. Mesmo que se tenha querido apresentar qualquer outra justificativa, de ordem emotiva em relação a estar próximo do grupo familiar, da possibilidade de se viver em liberdade e segurança, de viver entre os iguais, do aprendizado dos costumes, da língua ou da religião, o que esteve por trás foi o projeto do casamento, mais evidente para as filhas:

²⁶ SAYAD, Abdelmalek. *A imigração...* op. cit, p. 228.

"...Eles trouxeram a gente para cá, para casar com gente daqui, da mesma origem que a nossa, da mesma religião que a nossa, para casar com alguém muçulmano, entendeu? Eles vieram para cá por causa de mim e da minha irmã Laila, não foi por causa dos meus irmãos.

Sinceramente, eu acho que todo mundo que vem para cá, vem por causa das filhas mesmo, porque as meninas podem se casar com brasileiros, podem se casar em outra religião, todo mundo vai falar, e isso e aquilo... Mas é claro que o meu pai não assume isso, até hoje, ele disfarça, enrola, mas não assume o motivo verdadeiro de nossa mudança para cá."

Maria Abdul Kadri (Rede III- 2ª Geração)

É possível considerar ainda, para concluir, que os motivos do retorno devem ser compreendidos em seus aspectos múltiplos, envolvendo os projetos familiares construídos na migração, que são de manutenção e preservação de valores culturais e religiosos. Esses projetos são constantemente reavaliados e postos à prova durante o tempo em que dura a experiência migratória e, à medida que podem ser rompidos ou desvirtuados, o retorno surge como alternativa viável. O retorno é a possibilidade mais concreta de efetivação desse projeto, pois quanto mais se estende o tempo de migração mais se corre o risco de desestruturação cultural, da perda dos valores tradicionais, dos casamentos fora da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificar e pontuar as justificativas construídas para o empreendimento do processo de retorno ajuda-nos a compreender quão traumática, conflituosa e difícil tem sido essa experiência, que não é apenas do retorno em si (voltar a algum lugar, no sentido de deslocamento físico), mas sim todas as implicações que esse processo envolve, notadamente em relação à problemática da reinserção e da inserção à nova realidade.

O retorno é de fato o fim de um ciclo iniciado com a imigração, ou uma das faces de uma mesma moeda, todavia não encerra todos os conflitos, contradições e dilemas engendrados num processo de deslocamento. Deslocamento que não é só no espaço, mas sobretudo entre fronteiras culturais de um país e outro.

Apropriando-me da definição de Sayad, imigração e retorno devem ser entendidos como paradoxos, pois o que se busca num processo e outro está longe de ser alcançado por aqueles que emigram e retornam, sofrendo os

efeitos, muitas vezes traumáticos, desse movimento. O retorno não é o fim de um ciclo, mas parte de um movimento circular e dinâmico que se sabe onde é o começo, mas nunca o seu fim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMMASSARI, Savina e BLACK, Richard. "The study of return and transnational migration: methodological issues". In: *Harnessing the Potential of Migration and Return to Promote Development*. IOM, International Organization for Migration, 2001.
- DUSTMANN, Christian. "Children and Return Migration." In: *Journal of Populations Economics*. 2003.
- EGEA JÍMENEZ, Carmen e RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ, Vicente. "Tipos de Retorno de los Emigrantes Jubilados. El caso de los emigrantes de la Provincia de Jaen". *Análisis del VII Congreso Asociación de Demografía Histórica (ADEH)*. Granada: Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Granada, 1 a 3 de abril de 2004.
- GRINBERG, Leon e GRINBERG, Rebeca. *Psicoanálisis de la Migración y del Exilio*. Madrid: Alianza, 1984.
- HAJJAR, Claude Fahd. *Imigração Árabe: cem anos de reflexão*. SP: Ícone, 1985.
- KING, Russel (edited by). *Return Migration and Regional Economic Problems*. London: Croom Helm, 1986.
- MATTOS, Olgária. "A Melancolia de Ulisses: a dialética do Iluminismo e o canto das sereias". In: CARDOSO, Sérgio (et alii). *Os sentidos da paixão*. SP: Cia das Letras, 1987.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. SP: Loyola, 2005, 5ª ed.
- MONTEIRO, Paulo Filipe. *Emigração: o eterno mito do retorno*. Oeiras: Celta, 1994.
- OSMAN, Samira Adel. *Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: história oral de vida familiar*. FFLCH- USP, Dissertação de Mestrado, 1998, 2 vols.
- _____. *Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e história oral de vida*. FFLCH-USP, Tese de Doutorado, 2006, 2 vols.
- NUÑES-SEIXAS, Xosé-Manoel. "Visible and Invisible Remittances: some notes on transatlantic return migration and its effects on Iberian societies." In: *Review of Polish Diaspora*, 2005, vol: 31, nº 1.
- REYES, Belinda. *Dynamics of Immigration: Return Migration to Western México*. San Francisco: Policy Institute of California, 1997.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. SP: EDUSP, 1998.
- _____. *La double absence: des illusions de l'émigre aux souffrances de l'immigré*. Paris, Éditions du Seuil, 1999.
- _____. "O retorno: elemento constitutivo da condição de imigrante". *Travessia: Revista do Imigrante*. Publicação do CEM, ano XIII, número especial, jan/2000.
- TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. RJ: Record, 1999.
- TUAN, Yi Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. SP: Difel, 1983.
- VIRTANEN, Keijo. "Finnish Migrants (1860-1930) in the overseas return migration movement." In: HOERDER, Dirk (edited by). *The European and North American Working Classes during the Period of Industrialization*. Westport, Connecticut, 1985.